

Presidente diz que 'o mundo enlouqueceu'

Joedson Alves/AE.

FHC eleva tom de críticas a países ricos e manda recado claro aos Estados Unidos

DEMÉTRIO WEBER

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso elevou ontem o tom das críticas aos países ricos e à instabilidade da economia globalizada. “Ficamos um pouco inquietos ao ver que há dois pesos e duas medidas, que a transparência que tanto nos pedem não parece ser assim tão transparente acima do Equador”, discursou ele, antes de propor um brinde no almoço de encerramento da 4.ª Conferência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), no Itamaraty.

Sem citar nomes, mas num recado claro aos Estados Unidos, que enfrentam uma crise de desconfiança causada por fraudes nos balanços de grandes empresas, Fernando Henrique foi direto: “Não aceitamos essa ética de dupla face.”

Pouco antes do meio-dia, durante reunião com os demais chefes de Estado dos oito países que integram a CPLP, ele voltou a criticar a atual “arquitetura financeira internacional”. Fernando Henrique reafirmou que faltam mecanismos para proteger os países da falta de racionalidade dos mercados. “Hoje existe eventualmente, aqui e ali, um esparadrapo para cobrir uma ferida.”

No momento em que uma missão do governo brasileiro negocia, em Washington, os termos de novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o presidente disse que o País já ajustou suas contas e que, na verdade, é o mundo que “enlouqueceu”. “O Brasil, que apertou tanto as contas, não sabe mais o que apertar para se ajustar a um mundo que enlouqueceu”, afirmou ele, no brinde de saudação aos colegas.

Antes, em entrevista coletiva, o presidente recusou-se a responder se pretende convidar líderes de oposição para discutir o teor da nova ajuda do FMI. “Não existe acordo ainda, quando existir eu direi o que fazer”, disse, destacando que o assunto tem “muitos desdobramentos”.

A saudação de Fernando Henrique antes do almoço serviu também para responder às declarações do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Paul O'Neill, que recentemente cobrou providências para assegurar que o dinheiro que o Brasil recebe do FMI seja bem aproveitado e não “apenas saia do País direto para uma conta na Suíça”. “Expomos nossas mazelas ao mundo dia e noite. Temos



Ficamos um pouco inquietos ao ver que há dois pesos e duas medidas, que a transparência que tanto nos pedem não parece ser assim tão transparente acima do Equador

A hecatombe, a imprevisibilidade, a mudança brusca, a falta de qualquer racionalidade, a incerteza do dia para a noite, isso pode levar países sólidos a enfrentarem problemas difíceis

também nossos valores. Não precisamos expor (isso) a ninguém. Estamos nos orientando por esses valores.”

Imprevisibilidade – Ele criticou a “imprevisibilidade total” da economia mundial. “A hecatombe, a imprevisibilidade, a mudança brusca, a falta de qualquer racionalidade, a incerteza do dia para a noite, isso pode levar países sólidos a enfrentarem problemas difíceis”, disse. “É preciso que se resolva isso não no plano desses países, mas no plano da chamada arquitetura financeira internacional.”

Para Fernando Henrique, o problema é estrutural e vai muito além do risco que pode ser calculado pelos economistas. De qualquer forma, ele aproveitou para condenar ainda o comportamento de quem busca obter ganhos com as turbulências e os riscos inerentes às economias dos países. “Há quem ganhe com o risco.”

O presidente lamentou que o espírito de reconstrução do mundo reinante após a 2.ª Guerra Mundial “foi sendo pouco a

pouco sufocado”. “Não existe uma visão realmente nova para discutir de que maneira nós vamos dirigir o mundo.” Segundo ele, o crescente unilateralismo decorrente da hegemonia dos EUA em nível mundial não ajuda. “Não é essa a posição dos nossos países, que desejam um mundo mais associado, um mundo mais cooperativo, um mundo multilateral.” Fernando Henrique disse que é preciso dar “tratamento político” às insatisfações decorrentes das incertezas econômicas internacionais.

Ele defendeu uma “reengenharia da estrutura institucional mundial”. “Existe uma insatisfação que está se manifestando nas ruas e há a necessidade de um tratamento político a essa insatisfação”, disse. “Acho que é responsabilidade de todos nós, nos vários organismos em que participamos, insistirmos na necessidade dessa reengenharia da estrutura institucional mundial.”

Afinal, os países enfrentam uma “saia-justa”, pressionados pelas demandas da população e a insuficiência de meios para

atendê-las. “Do jeito que é hoje, só provoca uma sensação ou de desilusão ou de revolta, sentimentos que não ajudam a consolidação de uma ordem democrática em nível mundial.”

O presidente de Portugal, Jorge Sampaio, disse confiar que o Brasil será capaz de superar o momento delicado que atravessa a sua economia. “Reitero nossa grande confiança na capacidade de o Brasil ultrapassar mais esse momento difícil”, afirmou, no encerramento da conferência da CPLP.

Na reunião de trabalho que teve como tema a paz e o desenvolvimento, Fernando Henrique destacou que o combate ao terrorismo e à violência não deve sobrepor-se à luta pelo desenvolvimento. “Não podemos permitir que a angústia causada pelas atrocidades do terrorismo e da guerra sufoque o clamor por uma vida mais decente daqueles bilhões de pessoas que, mesmo vivendo em paz, vivem na miséria.”

No brinde aos colegas, o presidente fez uma ressalva, deixando claro que excluía Portugal, ao criticar a falta de transparência dos governos acima do Equador.

■ *Mais informações nas pág. A16, B1 e B3*

**‘HÁ QUEM
GANHE
COM O
RISCO’**